

Conceição dos Bugres

Conceição Freitas da Silva, "Conceição dos Bugres", como é conhecida, veio de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, ainda quando criança, trazida por uma carroça pelos seus pais até o estado de Mato Grosso. De uma mandioca surgiu à criação dos bugres, a alma de sua arte.

Debaixo de uma árvore, Conceição se pôs a observar uma cepa de mandioca que, para ela, tinha cara de gente. Pensou em talhar uma pessoa e a fez. Com o tempo, a mandioca ficou se parecendo com cara de velha, pensou. Daí em diante, passou a trabalhar a madeira bruta com rápidos golpes de facão e machadinha que começaram a dar formato e significado. Assim, surgiram os "bugres".

Para satisfazer sua criatividade e garantir a sobrevivência, os bugres apareciam, basicamente, com a mesma expressão formal, transmitindo um conhecimento com a mesma seriedade com que ela preparava a comida ou varria o chão. Conceição identificava-se com as figuras. Como ela, os bugres eram rudes, conforme relatam os livros.

Através de um sonho, em que o marido havia colhido mel e, a partir dele feito a cera, no dia seguinte pediu a seu filho que fosse comprar o produto para usar em suas figuras. Ela já sabia do efeito pelo sonho. Com um pincel, começou a usar a cera e, desde então, nunca mais deixou, pois, para ela, representava a roupa. Antes o bugre andava nu e depois do uso da cera parecia vestido. O produto também protegia a obra do vento para que não rachasse.

Reconhecida internacionalmente, Conceição dos Bugres tinha muito prazer em fazer seus "bugrinhos". Seu marido, que construía bancos de madeira e mesas, após a morte de Conceição também começou a fazer os bugres.

Seu neto Mariano, que aos oito anos de idade começou a ajudar sua avó, observando-a intensamente fazendo aqueles bonecos, pegou uns retalhos de madeira e começou a dar forma.

Foi passando o tempo e Mariano fazia os bugres iguais aos da sua avó. Foi aperfeiçoando cada vez mais, deixando a madeira mais lisa e também nunca abandonou a cera. *"Enquanto eu estiver vivo e as condições físicas permitirem, jamais deixarei de fazer"*, declarou.

Também afirma que não admite que outros copiem ou façam esses trabalhos. *"É a herança que a vó deixou para mim, para os outros netos e bisnetos. Eu tenho certeza que, se ela estivesse viva, adoraria conhecer os bisnetos e saber que eu continuei o trabalho criado por ela"*.

Sotera, mãe de Mariano lembra que sua sogra, que sempre "foi muito boa", morreu pobre, sem casa e sem televisão, porque naquela época as peças que fazia não eram tão valorizadas. "Conceição ouvia rádio enquanto fazia seus trabalhos e tomava chimarrão, e nós herdamos tudo isso também".

Sotera, de descendência paraguaia, também faz trabalhos em madeira, aos quais deu o nome de Totem. Para ela, são peças de outro planeta. Já em alguns livros, Totem significa uma coletividade de figuras.

"Eu e minha mãe acordamos cinco horas para tomar chimarrão, e quando tenho muitas encomendas, trabalho nos domingos e feriados. Para nós, a impressão é que a vó está sempre presente em nossos trabalhos, porque temos uma força muito grande e nos sentimos muito bem", conta Mariano.

